

Jornal n. 42 - 3-11-73

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor—Joaquim Domingues de Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 24000 por trimestre, na
typographia do *Paiz*, largo de Palacio n. 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 43.

O DOMINGO.

S. LUIZ, 9 DE NOVEMBRO DE 1873.

Consta-nos que a directoria da sociedade—Onze de Agosto—vae chamar á responsabilidade o nosso jornal por haver este, no numero passado, na segunda parte da secção *Echos Urbanos*, destinada a critica, publicado um dialogo entre um papagaio e um macaco.

Francamente que não sabemos em que entende aquella publicação com a benemerita sociedade! nem si allude a facto algum por ventura acontecido, e que tenha alguma relação com ella ou com materia de sua jurisdicção. Artigo que não envolvia responsabilidade em presença doCodigo, remetido como nos foi em carta fechada, não duvidamos inseri-lo em o nosso jornalinho, sem exigir as fórmulas de uso para a responsabilidade legal.

Em virtude do officio do governo da provincia mandando a directoria da sociedade informar sobre a publicação comprehendida na secção *Echos Urbanos*, poderá a sociedade «Onze de Agosto» pretender, quando muito, explicações. Essas somente poderia dal-as o autor do artigo, si é que as tenha para dar.

O que, em fim, parece fóra de toda a contestação é que ninguem, a não ser já de animo prevenido, pôde vêr num escripto sem allusões evidentes uma relação com um facto qualquer.

Tudo o que d'ahi passar são velleidades gratuitas e em muitos casos—ridiculas.

Fazemos abaixo deste reimprimir o artigo em questão, e pedimos aos leitores que nos ajudem, pelo amor de Deus, a enxergar n'elle alguma offensa á sociedade «Onze de Agosto» ou á materia de sua jurisdicção.

O Editor.

«O macaco da rua Grande só tem de animal a forma; é um gaiato de bom gosto!

Um moço que tem feito um estado aturado sobre a *linguagem animal* e que já entende satisfivelmente o macaco, pôs informon de uma hão mentira pregada pelo Simeão, assim chamam ao tal mono, ao seu compadre e visinho, bonito

papagaio que habita n'uma gaiola á porta da padaria franceza.

—Compadre, dizia o macaco ao papagaio, vace é um dorminhoco; logo ao dar da Ave-Maria empoleira-se e dorme até o outro dia, nada sabe do que se passa por aqui; eu velo quasi toda a noite e não dou por perdido o meu tempo. Hontem, compadre, eu lembrava-me de certo escripto do *Paiz* que você tem ha mezas, onde narrava-se o encontro lá para o Caminho Grande de uma *perna-manca* que fugia das obras do quartel do Campo-d'Ourique e um *panervo de cal* que tambem se havia escapulado do *baiu-arte*, e julgava aquillo uma cousa que os homens chamam critica, quando senti um ruído que vinha do largo do Carmo. A noite estava clara como dia, o ruído se ouvia mais perto, era um barulho estranho, confesso, tive medo e o caso não era para menos; eu vi, compadre, algumas *portas* passarem em desfilada por aqui; eu tremia, nunca tinha visto taboas caminharem.

Uma *porta* que pareceu-me de janella, era quem guiava as outras; não comprehendí o que disiam ellas, pois foi a primeira vez que vi *porta* andar e fallar!

—Compadre, dice o papagaio, abrindo as azas, eu sei de tudo. O papagaio tambem menta por sua vez.

—Sabe! compadre, tornou Simeão, então conte-me tudo; eston impaciente.

—Compadre, tornou o papagaio, você não vio onde pararam as portas?

—Vi, quero dizer, respondeu o macaco, que o barulho se acabou depois que ellas chegaram ás proximidades da *Conceição*, para lá da igreja; porem diga-me d'onde vieram essas portas mysteriosas.

O papagaio espichou-se na gaiola, rantaralou e dice ao compadre.

«E' segredo, eu ouvi em casa; ellas vieram correndo da rua do *Egypto*»

Desta forma onde vae o mundo parar? Até os animaes mentem descaradamente!

O moço que entende a *linguagem dos bichos* ficou de nos informar de mais cousas que tem dito o tal macaco ao seu compadre papagaio.

Scarron.»

O Movimento Clerical.

Aguilhoados por um scepticismo hediondo, grande numero de espiritos desviam os olhos do céo, e procuram onde pousal-os.

Insensatos! que não veem a cruz—o symbolo sacrosanto do calvario, á cuja sombra encontra todo o homem a tranquillidade e o consólo do coração!

Elles indagam então presumpçosamente a solução de problemas que os aterrorizam, e só logram, por unico triumpho empégarem-se, de mais em mais, nos tremedades do vicio.

Com as fauces hiantes de medonha voragem ergue o materialismo os braços gelidos como que para soffocar todas as aspirações generosas.

Nestas circunstancias em que um philosophismo brutal atravessa as camadas sociais atropellando e desvaivando tudo com o seu ruído, é que animados por um falso zelo—sectarios imprudentes, intentando uma reacção temeraria, entodoam, sem talvez o pensarem, a tunica do Christo.

O que buscam? o que pretendem com suas demasias os defensores officiaes da religião christã?—O descredito para si; porque a religião de amor, de resignação e de caridade manter-se-ha, a despeito de uns e outros, pura e illesa; porque ella é, e será sempre, o refugio do pobre e do opprimido.

Roma se deseja obedecer á sua missão, que pregue e convença. «Ide e pregae!» dizia o Divino Mestre. Mas, pregar é convencer, e não—coagir. A predica não é a prepotencia.

Si n'aquellas epochas de fermentação em que o paganismo, se debatia furibando a unção do Evangelho teve forças para fazer e enumerar proselytos, e assentar nos corações o seu dominio, porque, hoje que os órgãos de publicidade existem aos milhares, e apparece mais a tolerancia, não ha de ella fazer valer os primitivos meios e a todos proclamar a sua benefica influencia?

Constituir da igreja um feudo é desconhecer-lhe a origem.

Si anina ao clero o desejo de se oppor ás torrentes da impiedade,—pregue, convença; combata a ignorancia; o vicio, o crime, a fraude; incuta no espirito das turbas os verdadeiros e sublimes precei-

tos do christianismo e terá, só então, atingido o seu fim.

MOSAICO.

Uma mãe negra.

(Illustração de n.º 42.)

II

No dia seguinte ás horas do entarde dirigimo para a casa de Eugenia.

Dea estava no puzão um pedaço da *Costa D'Avil*, ao ver-me levantou-se e veio receber-me; estava pallida e tinha nos labios um ar de tristeza.

Ao vela senti remorsos.

O primo tinha embarcado para o Norte, onde ia a unir-se ao seu regimento.

Pedi a mão de Dea e olhei-a

III

Uma noite ao sair da casa de minha noiva encaneci um amigo, que depois de muitas instancias e quasi que arrastando-me, conseguiu levar-me ao alcazar.

O meu antigo companheiro estava perdido de amores por uma dançarina que ent o causava furar no Rio de Janeiro; pintou-m'a como a mulher mais bella, como um tyo que a palavra não pode descrever e que na pintura se tornava por uma phantasia.

Entramos no alcazar, onde desde que conhecia Dea não tinha posto os pés.

Fabio, era o meu amigo mostrou-me a sua dançarina.

Era realmente uma mulher bella.

Depois que a vi, continuei a voltar ao mal-dito theatro.

Aquella mulher arrastava-me; a minha noiva era para mim apenas uma sombra pallida que amovitra-me a fronte, quando eu passava a noite nas orgias ao lado da minha noiva amante.

Eu tornava para o que era antes da minha regeneração.

Fui pouco a pouco a esquecer a pobre menina, eu só via para a maldita franceza.

Quaes vezes ia a casa de d. Eugenia, Dea exprobava a minha cruel ingratitude.

Uma noite fingi-me offendido e não mais voltei a casa de d. Eugenia.

D'correram-se assim seis mezes, quando uma manhã e obí uma carta; abri era de Dea:

«Godofredo, dista ella, tudo me roubaste, até a propria existencia. Estou pra deixar este valle de lagrimas, onde tanto tenho soffrido. Godofredo, eu te perdoo, guarda esse botão de flor que te avio, arancado da minha grinalda de noiva; é uma lembrança, e a derradeira da tua infeliz Dea.»

Corri como um dardo á casa de d. Eugenia, esta ao ver-me, atirou-se sobre mim, exclamando: assassino! tu a mataste!

Quasi a força, entrei no quarto onde Dea achava-se prostrada n'um leito; recebeu-me com o riso nos labios, apertou-me a mão, e disse-me ao ouvido com debil voz: «sabia que vinhas, eu te agradeço, não podia morrer sem ver-te.» Ajuchei-me; Dea expirava.

Godofredo soltoou como uma criança ao conhecer sua triste historia.

«E' esta meu amigo, tornou elle, a negra historia dessa flor que tendes visto presa á minha casaca, sobre mim fazei o juizo que entenderdes; para meu castigo bastam os remorsos que me diaceram a alma.

A sombra dessa menina me acompanha por

toda a parte, depois da sua morte logi do Rio de Janeiro e como o *Aslyvras* da lenda, não paro em parte alguma.

Se me vobes nos hailes com o riso nos labios, e se riso é forçulo; eu tenho a tristeza no coração».

Godofredo encheu de novo o calix e bebeu.

«E' com o alcohol que eu procuro embotar as idéas para fugir a penosas recordações».

Desde o momento que ouvi aquella triste historia, Godofredo inspirou-me compaixão. Aquella alma soffria realmente.

IV

Embarquei para a Europa, quando voltei seis annos de mais, disseram-me que Godofredo estava dando no hospital; fui visitá-lo.

Vi um velho magro e macilento, coberto de andrajes metido n'uma estreita celula; era o elegante e louo Godofredo que aqui chegara, em 1865!

Não sei se foram os remorsos que o enlouqueceram ou se a noticia que recebera do Rio de Janeiro de que já nada possuia.

Godofredo em menos de quinze annos gastou com contos de reis que lhe deixara seu pai.

Um velho enfermeiro das doudas, conhecedor no Rio de Janeiro o pai de Godofredo, conversando um dia com elle no hospital a respeito do infeliz moço, disse-me:

«Foi castigo de Deus, aquella immensa fortuna foi roubada a uma viuva e orphãos que ficaram redozidos a miseria».

1873.

D. S.

Por um diamante.

(ALPHONSE KARR.)

Ha pouco tempo, n'um círculo de amigos, um homem de trinta annos criticava da mocidade *actual*; achava tolos e ridiculos os rapazes de vinte annos de hoje. Quando lá a este respeito entabou uma longa discussão, a dona da casa cortou-lhe com muita graça: «Eu vos digo desde quando os homens de vinte annos vos parecem ridiculos; é depois que os homens de trinta de hoje não tocam mais vinte.»

Assim, não acharemos extravagantes os projectos que se faziam n'uma salão aberto para um lindo jardim em Ingouville, alem do Havre.

«Que precioso temos de riquezas, dizia Theodoro, o que póda o ouro augmentar á nossa felicidade? Nós viveremos, minha Anna, n'uma cabana mais felizes do que sob um palacio dourado; o pão, fructo do meu trabalho, será para nós uma celeste ambrosia.»

Anna respondeu com um terno olhar; Theodoro tinha-lhe parecido eloquente; acabava de repetir em voz alta o que o seu coração tantas vezes lhe dizia em doces pulsações.

O terceiro interlocutor voltou-se para occultar um sorriso; era um homem de sessenta annos, de uma phisionomia doce

e respeitavel: «Meus filhos, dice elle, seria inutil dizer maisdo que isto, á vós que tendes vinte annos. Amo-te muito, Anna, e tu, Theodoro, tens motivos tambem para crer na minha amisade; pois bem, fiquem sabendo que não dou Anna á Theodoro, sem que este tenha voltado da viagem commercial que seu patriuho quer fazer-lhe emprender.»

Era a proposito desta viagem que o rapaz tinha tido occasião de exprimir o seu desprezo pelas riquezas.

O pai de Anna foi inflexivel; os dous jovens julgaram melhor ceder á mania do velho e Theodoro partio.

«Adens meu Theodoro, dizia Anna, eu supplicarei sem cessar por ti; não para que voltes rico, mas para que tornes constante.»

Durante uma longa viagem, Theodoro teve tempo de sonhar com os novos lugares que ia percorrer.

Via no Oriente, esse luxo oriental de que tanto lhe haviam fallado; Constantinopla era uma terra encantada.

O sol do lá devia mudar-lhe as botas em sapatos com pontas viradas cobertos de diamantes e transformar todo o estofo em cachemira; o cavallo que pisasse as areias da Arabia devia ser um corcel ardente, sobre impetuoso amigo dos combates.

Os seus sonhos eram puzados de divas, de perfumes inebriantes; a imaginação de Theodoro penetrava nos mysteriosos *harem* onde vivem as bellas Georgianas. Sem duvida, alguma dellas ao entrar na mesquita notria a sua presença, e deixando *por acaso* cair o véo, lhe permittiria ver os encantos desconhecidos ao resto do mundo. Depois, uma velha o viria procurar no dia seguinte, e, passados mil rodeios, o introduzaria no *harem*.

Lá veria as mais arrebatadoras creaturas, beberia os licores mais exquisitos, respiraria os odores mais finos, ouviria a musica mais arrebatadora, se deitaria em leitos de rosas. O *harem* havia de ter as mais ricas pinturas; um pavimento de agathas, columnas de jaspe; as mulheres trariam collares de perolas enormes, brazaletes de esmeraldas, diademas de opatos e chales copazos de passarem no ovildo de uma agulha. Elle seria cercado de myrthos.

Theodoro chegou á Constantinopla.

Pobre Theodoro!

Encontrou uma cidade immunda, espreita, mal edificada.

Vio as mesquitas sem ornamentos, por

que a lei prohibia nellas a introdução de quadros, estatuas, ouro e prata; não encontrou vãos caídos, nem velhas mysteriosas.

Theodoro resolveu-se somente a sonhar com Anna.

Uma tarde, estando occupado em fazer alguns calculos sobre os seus negocios, recebeu-lhe que em pouco tempo poderia voltar á patria e unir-se a sua amante.

A imaginação o transportou á França; via-se rico, discutia consigo o numero de creadas que havia de ter, a casa que faria construir para habitar, o vestido que Anna levaria no dia das nupcias e formando estes castellos no ar, a noite o surpreendeu.

As preoccupações do espirito o fizeram esquecer de que estava as escuroas.

Bateram-lhe a porta; abriu; um homem depois de ter procurado saber se era seguido, entrou bruscamente, fecho a porta e disse-lhe: «Senhor, não temos mais que dez minutos para concluir um negocio do qual dependem a vossa fortuna e a minha vida. Eu sou escravo e empregado nas minas; tenho um diamante, e sob o pretexto de estar doente, pude vir até aqui. Só me hei pôde pagar o diamante que tenho, que é para mim uma riqueza perdida, pois me é impossivel deixar de vendel-o:

Só vos peço por elle a somma necessaria para a minha fugir; só assim—eu voltarei á patria: verei minha mulher e irmãos.»

Theodoro ao ouvir uma tal proposta ficou sem saber o que fazer; o escravo fazia girar na palma da mão um enorme diamante. «Vamos senhor, dizia elle, sois estrangeiro, com mais facilidade podéis fugir; se quiserdes, por alguns ducados sereis millionario.»

Theodoro deu a somma que o escravo exigiu e saiu nessa mesma noite de Constantinopla.

Não entraremos nos detalhes de sua viagem. Um dia, elle e o seu guia foram atacados por ladrões arabes. «Tendes dinheiro? perguntou-lha o guia: Não tenho senão o preciso para minha viagem, respondeu Theodoro.

Então não fazemos resistencia; depois de nos terem despejado os bolsos, deixaram continuar nossa viagem, que será mais economica, mas que pouco importa.

—Importa muito, dice Theodoro, recebendo com um tiro de pistola o primeiro arabe que avançou. O guia caiu morto. Theodoro foi levado prisioneiro e o seu

diamante foi dado a uma mulher que fez d'elle um brinquedo para seu filho.

O chefe sympathizou com elle e dice-lhe um dia que podia retirar-se com tudo que lhe haviam roubado.

A mãe da criança tomava o diamante por um talisman; pediu-lhe de joelhos que o deixasse á seu filho e offereceu-lhe uma grande quantidade de ouro que o moço regeitou.

A mulher recusou-se entregal-o; a noite Theodoro teve occasião de amordagar a criança e evadir-se com o seu thesouro.

Dous dias occultou-se n'uma caverna sem comer; depois encontrado por uma caravana, continuou a sua viagem. Sempre inquieto, desconfiado, prestes a apunhalar o viajante cujo olhar se demorasse sobre o lugar onde guardava a sua fortuna. Chegou a uma cidade e de lá escreveu ao pae de Anna; sua carta começava por estas palavras: «Eu estou rico, muito rico.»

Um mez depois, Theodoro estava ao lado de sua amante.

—Não sei porque, dizia-lhe Anna, esta grande fortuna que nos annunciaste, não me causou-me a menor emoção, antes fe-me aborrecer a; nesses projectos eram tão bellos, ella tudo destruiu.

—Anna, respondeu-lhe Theodoro, nós iremos á Paris; lá teremos um palacio.

Theodoro partio para Paris; quando chegou, o joalheiro do rei, a quem o haviam aconselhado que só vendesse o seu diamante, tinha ido passar alguns dias no campo.

Elle aproveitou esses dias para procurar um palacio, escolher cavallos e uma carroagem; tomou nota de tudo quanto via; porcellanas tapetes, etc.

Anna correu o risco de ser esquecida.

Quando Theodoro entrava em algum salão, diziam baixinho: «E' o senhor Theodoro que chegou do Oriente, onde fez uma grande fortuna.»

Todos os olhares eram para elle; as mães lhe apresentavam suas filhas, as filhas o distinguiam dos outros moços.

Theodoro apresentou-se ao joalheiro da corôa, este depois de ter examinado o diamante, dice-lhe: E' com effeito uma peça notavel, eu não a quero, mas outro qualquer vos dará por ella dez francos, pois é a mais perfeita imitação que tenho visto.

Theodoro com estes dez francos partio a pé para o Havre.

Ha dous annos, nos vimos em Ingouville Theodoro ao lado de sua mulher,

habitando n'uma alva casinha e eram felizes.

J. B.

Uma recordação saudosa.

(Continuação).

Ha casualidades que parecem providencias: no dia seguinte estava eu á janella quando Cecilia saiu a regar as flores.

Travamos conversação a janella, pediu-me uma flor e ella m'a deu, tornando-se rubra.

Escuso dizer que todos os dias estava eu á janella ás horas em que a minha bella visinha regava as suas flores.

No dia seguinte ás onze horas fazia a minha entrada triumphal em casa do Sr. D. Joaquina Maranhão.

Os primeiros lanceiros de Cecilia foram para mim.

Que preciosa me pareceu aquella noite! Tão preciosa, como horriveis me pareciam as anteriores. Está entendido que não perdi a occasião, sabendo que é elle o cabelo que tem. Assim, pois sem mais dilatação fiz a Cecilia a minha declaração, a qual não respondeu nem—sim nem—não. Porém, que contestação mais eloquente era precisa do que os olhares que irradiavam de seus olhos, nesse momento tão brilhantes; de que rubor se cobriu suas lindas faces; e que tremor de sua mão ao tocar na minha!

Dancou depois com outros, e eu me mantive sem dançar, encostado a uma janella, não a perdendo nunca de minhas vistas. E me parecia que ella apenas escutava o que seu par lhe dizia, como se seu pensamento se achasse em outra parte...

Finalmente chegou a minha vez; o piano tocava uma das harmoniosas walsas de Strauss; apresentei-me a Cecilia. Então ao suave movimento da walsa, as minhas amantes supplicas, contestaram emfim com um timido—sim—apenas perceptivel, mais adivinhado que ouvido por mim.

V.

Será preciso contar a historia até o fim?

—Não, dirá a intelligente leitora, vós vos amastes, fostes felizes, e a felicidade não se conta.

Não foi assim, amavel leitora. A minha aventura não acabou como pensaes.

—Deverás? dirá a leitora.

—E' como vol-o digo. Cecilia como todas as mulheres bonitas, tinha um primo.

o qual estudava na escola de artilheria. Eu o confesso, por minhas veias correu o sangue de Othello.

A Cecília a passeio, cinco minutos depois o primo se unia a ella; ia ao theatro, pois o primo tambem ia. Só quarenta dias pude resistir áquelle supplicio de todos os instantes. Houve as lagrimas do costume, a obrigada troca de cartas, e por fim acabaram as nossas relações.

Encontro-me com Cecília frequentemente, porém, em vez de um terno olhar, de um doce sorriso, da carinhosa palavra trocada no passeio, ou do furtivo aperto de mão, apenas toco de leve no chapéo e pronuncio um ceremonioso — *Bom dia*. E quando a vejo nos theatros ou nas reuniões, vou sandal-a; e apenas trocamos algumas banalidades!

Sic transit gloria mundi.

26 de junho de 1873

F. A. da Costa.

ALBUM.

Versos a Cotinha.

Tu és, Cotinha, semelhante á rosa,
Bella e formosa no sorrir da aurora,
Quando no gallo, que o verdor matiza,
A fresca brisa de manhã namora.

Tu és, meu anjo, como a flor do lago.
Que o brando afoço da corrente beija,
Quando, vergada por um brando anseio,
Mergulha o seio, que depois goteja.

Tu tens, Cotinha, como a casta lua
Na face tua a pallidez da cõr;
Tens como ella, no singelo riso,
Um paraíso, que traduz — amor.

Tu tens, meu anjo, no volver dos olhos,
Um mar d'abrolhos, que soffoca e mata!
Ai! quem me dêra, nesse abysmo d'alma,
Ganhar a palma, que esse mar retrata!

Eu tenho medo quando vejo, louco,
Arlar um punco teu mimoso seio;
Sinto no peito renascer, unmenso,
O fogo intenso de um fatal roceio.

Eu tenho medo de te ver, Cotinha,
Quando a pontinha de teu pé deviso...
Elle revela nos meus sonhos d'ouro
Rico thesouro, que me rouba o siso.

Tu és, Cotinha, a viração da noite,
Que em brando afoço faz tombar o lyrio;
E's como a luz de funeral capella,
Pallida e bella, que despêde o cirio.

Tu és, Cotinha, a mais perfeita imagem
Que na passagem d'este mundo vi;
Solta, meu anjo, de teus olhos sanctos
Piedosos grantos; morrerei por ti!

Maranhão.

F.

Porque suspiras!

De que valem, minh'alma, teus gemidos,
à noite, quando a lua o céu prateia;
quando o vento sussurra na folhagem
e o claro rio suspirando anseia?

Esperas do Senhor um anjo lindo
que venha mitigar a tua dor,
em teu seio depondo hêmfasejo
um beijo de esperança, paz e amor?

Esperas a ventura nos seus braços?
uma aurora rosada a teu porvir?
nos seus lábios a candida verdade?
duradoura innocencia em seu sorrir?

Tu já viste uma vez o desgano
recadár sobre ti duro e fatal,
e as flôres que nutrias — desfolhadas
pela furia cruel do vendaval...

Cessa, pois, ó minh'alma, teus gemidos!
não almejes de novo um novo amor.
As delicias de amor são momentaneas,
dissipada a illusão — só resta a dor.

1870.

ECHOS URBANOS.

Pregou na noite de 3 do corrente no cemiterio, por occasião da procissão em commemoração dos fieis finados, o missionario capuchinho frei Celestino.

Não sabemos porque, havendo pregadores que fallam o portuguez, vão procurar quem agora começa a aprendel-o.

Ficé Celestino poderá ser um bom pregador em Roma, mas não aqui; si é que, em Roma, os pregadores gesticulam e dão gritos no pulpito, como os que ouvimos na noite de 3.

Frei Celestino não serve para a trijuina sagrada; começando agora a balbuciar á nossa lingua, os seus sermões compoem-se de cinco ou seis periodos com que massa o auditorio nas suas fastidiosas repetições.

Não pomos duvida na illustração do referido missionario, porém pedimos-lhe que, em quanto não se ache mais traquelado na lingua, não suba ao pulpito, por que a massa mais ignorante do povo não o comprehende e a outra ri-se do atropello que faz á lingua e das fogueiras do inferno e grelhas de Satanaz — instrumentos de que sempre falla S. S. e em que funda principalmente a moção de seus affectos oratorios.

A *Bibliotheca Popular* mandou encadernar para mais de mil volumes que precisavam deste melhoramento.

O moço que entende a *lingua animal* remetteu-nos o seguinte:

Hontem presenciei um susto que o astuto papagaio pregou ao seu compadre, o macaco Simeão.

— Bom dia, compadre! dormio muito,

pois são quasi oito horas e só agora é que estende as azas e sacode-se todo.

— Qual, compadre Simeão, passei mal, não dormi toda a noite imaginando que alguém ouvio aquella nossa conversa sobre as portas que o compadre vio passarem por aqui, vindas da rua do *Egypto* e quer nos levar a policia, para dizermos d'onde sahiram e para onde foram.

O papagaio dizia isto espichando-se o mais que podia na sua gaiola e olhando para todos os lados com medo de ser ouvido.

— O que diz, compadre? eu na policia?! Eu, que ha tanto tempo vivo neste buraco, que nunca assignei um termo de bem viver com os vizinhos, que todos me estimam ir a policia pelo simples facto de ver uma cousa sobrenatural; portas andarem como nós?! Qual, compadre isso é caçada sua!

— Caçada! por causa das malditas portas quasi me desazam em casa.

— Estamos em calças pardas, compadre, decididamente tambem o meu sinhô moço vem sobre mim e quebra-me uma perna e depois, cadeia...

— Compadre Simeão, você foi quem vio as portas passarem na carreira e por isso é quem deve prestar informações e...

— Compadre! compadre, cale-se que podem ouvir-o; eu não quero mais ouvir fallar nellas. Eu direi que não vi cousa alguma, que o compadre foi quem me disse que ellas vieram... não sei d'onde.

— Eu, compadre?... não sabia denada; você foi quem me dice ter visto as portas passarem em desfilada e pararem algumas — nesta rua e as outras correrem em direcção do...

O papagaio olhou para todos os lados e com uma voz guttural dice — do *Caminho Grande*.

— Que calumnia! meu compadre, respondem o Simeão, coçando-se todo, eu só vi ellas...

O macaco olhou tambem por sua vez para todos os lados e acrescentou tremendo, como se tivesse medo de ser ouvido, — passarem e pararem nas...

— Silencio, compadre, gritou o papagaio, logo mais conversaremos; estão nós ouvindo e... ah! vem o cabo Machado.

E os dois bichinhos interromperam subitoamente a conversa agachando-se um ao outro na sua gaiola.

Scarron.

Pede-se aos Srs. assignantes que se acham atrasados em seus pagamentos relativos ao 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º trimestres deste jornal, o obsequio de virem ajudar-nos á catregar este pezado madeiro, solvendo os seus debitos. E, como algumas pessoas tendo recebi os n.ºs de 1 a 5 deste trimestre, e ao apresentarem-se os recibos, devolveram-nos declarando não acceptarem, fazemos ver-lhes que não obraram bem, pois se não o quisessem assignar deviam devolver o 1.º n.

Queremos protecção, porém franca.

Maranhão — Typ. do Paiz, imp. M. F. V. Pires